



NOTAS DE CONJUNTURA (MAIO DE 2025)

CONJUNTURA INTERNACIONAL

Crise do capitalismo e declínio da hegemonia estadunidense

Referenciados nas análises produzidas nos últimos CONCURTs (Congressos Nacionais da CUT), que caracterizam o momento atual como **CRISE DO CAPITALISMO OCIDENTAL**, adicionamos novos elementos para qualificarmos ainda mais a nossa compreensão da conjuntura internacional e seus reflexos na realidade brasileira:

- Supremacia do sistema financeiro sobre a economia real (produtiva). “Vale mais a pena aplicar no sistema financeiro que investir em empreendimentos produtivos.”
- A economia real (produtiva) submetida a lógica dos acionistas e de fundos de investimentos como a BlackRock.
- Perda de dinamismo das economias satélites dos EUA, notadamente a Europa e o chamado NORTE GLOBAL (PIB do G7 em declínio – atualmente representa 30%).
- Deslocamento progressivo de fluxo de capital em direção ao Leste Asiático e Sul Global (Os BRICs já controlam 40%).
- Concentração de renda em poucos milionários e bilionários - 10% de super-ricos concentram 50% da renda mundial.
- Aumento das desigualdades: ela já atinge 70% da população mundial – 50% da população detém apenas 8,5% da renda mundial.
- As promessas fracassadas das políticas neoliberais estão corroendo a democracia por dentro, provocando abstenção de participação e descrédito na capacidade das instituições resolver os graves problemas da atualidade. Esse é o ambiente propício para o surgimento de aventureiros, autoritários e o ressurgimento do fascismo. A crise atual da democracia não é um acidente, é a consequência inevitável de um sistema que subordinou o bem-estar social à lógica do lucro e da acumulação privada.
- Expansão e intensificação dos conflitos bélicos: atualmente existe 120 conflitos armados, a grande maioria são conflitos internos aos países.
- Crescimento econômico baseado na intensa exploração da natureza e danificação do meio ambiente, provocando eventos climáticos extremos (crise climática).

As consequências da crise capitalista são jogadas nos ombros da classe trabalhadora

- Desregulamentação dos direitos trabalhistas e previdenciários (entre 2008 e 2014 foram realizadas reformas trabalhistas em 110 países).
- Formas de contratos precarizados: uberização, informalização e assemelhados. Prolifera, sobretudo no ocidente em decadência, o trabalho sem direitos e com baixa remuneração.
- Estagnação com tendência a declínio da renda do trabalho humano na riqueza produzida.
- Saúde mental da classe trabalhadora está em colapso - Estima-se que 12 bilhões de dias



de trabalho são perdidos anualmente por causa da depressão e da ansiedade, custando à economia mundial quase 1 trilhão de dólares (Relatório “Diretrizes sobre Saúde Mental no Trabalho” - OMS).

- Endividamento das famílias como forma de controle. Os trabalhadores estão sempre na correria para manter um consumismo turbinado por máquinas cada vez mais sofisticada de publicidade. No Brasil, 85% das famílias estão endividadas (2024).
- Exacerbação do individualismo e destruição de espaços de convívio social e de sociabilidade.
- A ideologia do “empreendedor de si mesmo” como mecanismo de disfarce da desigualdade.
- Avalanche de bens, serviços e ofertas individuais de felicidade através do consumo. Em contrapartida a vida perde cada vez mais significado.

A Guerra Comercial do Governo Trump

O mundo foi surpreendido pelo “tarifaço” de Trump. Ao elevar os impostos de importação de forma abrupta, caótica e desproporcional, Trump provocou um tsunami nas relações comerciais. Diante das câmeras, prometeu reduzir o déficit comercial, reindustrializar o país, atrair novos investimentos, proteger empregos, diminuir impostos e tornar “a América grande novamente”. Entretanto, ao insultar parceiros comerciais históricos, ele acrescentou mais instabilidade ao cenário econômico mundial.

Tudo leva a crer que o objetivo principal, além de obter dinheiro extra para financiar a dívida pública norte-americana (US\$ 34,6 trilhões – 123% do PIB dos EUA), era colocar os países de joelhos à mesa de negociação e deixar claro para o mundo que a China representava a principal ameaça estratégica dos EUA.

É prematuro avaliar os impactos do “tarifaço” tributário. Existe risco de desaceleração econômica, pressão inflacionária e pressão por abertura de mercados – movimento que a China inclusive adotou. As reações dos países foram diversas: a China, por exemplo, respondeu aumentando as taxas de importação na mesma proporção para produtos americanos, acelerando a diversificação de mercados, fortalecendo os BRICS e criando alternativas para substituir o dólar nas transações comerciais. Outros países preferiram negociar caso a caso, sem confronto direto.

De qualquer forma, as medidas econômicas de Trump e sua política externa errática – baseada na agressividade e na tática de “sobe e desce” nas negociações – colocaram os EUA em um crescente isolamento e aceleraram o declínio de sua hegemonia.

O genocídio do povo Palestino

A matança do povo palestino não pode ser descrita com outra palavra senão genocídio. Desde outubro de 2023, mais de 50 mil palestinos foram mortos, 11,2 mil estão desaparecidos e mais de 100 mil estão gravemente feridos. A destruição das habitações e da infraestrutura é algo cruel. Na Faixa de Gaza, 92% das casas foram atingidas com o objetivo de tornar essa região inabitável.

Trata-se de uma ação sistemática de extermínio, que combina bombardeios incessantes, bloqueio de ajuda humanitária, destruição de hospitais, escolas, casas e infraestrutura básica, além do assassinato deliberado de civis, entre eles, milhares de crianças. A barbaridade chega ao



extremo com a utilização da fome como arma de guerra.

Em nome do “direito à defesa”, Israel realiza um dos maiores crimes humanitários já vistos na história recente. O apoio covarde dos EUA e o silêncio cúmplice da comunidade internacional, especialmente das potências ocidentais, é de assustar. A mídia internacional controlada pelos sionistas trata Israel como vítima absoluta e nega a raiz histórica da ocupação e do apartheid imposto aos palestinos há décadas.

Não se trata de ser contra judeus, mas de ser contra um Estado que pratica crimes contra a humanidade. Neste momento toda solidariedade internacional é pouca. É necessário protestar, boicotar e aumentar o engajamento político em defesa do povo palestino.

CONJUNTURA NACIONAL

Cerco ao Governo Lula

Na análise de conjuntura nacional que socializamos em fevereiro/2025, afirmamos que o governo Lula, sobretudo a partir do resultado eleitoral de outubro de 2024, passou a enfrentar um implacável cerco político imposto pelas elites financeiras (chamada Faria Lima), setores do empresariado e seus porta-vozes no Congresso Nacional. Essas forças econômicas e políticas contam com a mídia comercial que se encarrega de manipular informações e desgastar continuamente o governo.

A tática utilizada para apertar o cerco é bastante conhecida: sangrar o governo o máximo possível e criar as condições para encurtar o mandato (golpe), ou retirá-lo da disputa eleitoral em 2026, ou derrotá-lo eleitoralmente. Se nada disso funcionar, enfraquecê-lo até transformá-lo em um marionete das políticas liberais em um possível quarto mandato. O que mais teme a elite financeira, empresarial e a mídia subserviente é um Lula vitorioso e pleno em um pós 2026.

O cerco foi se fechando com a construção de uma narrativa sobre o resultado eleitoral, tratando-o como uma vitória acachapante do centrão e uma derrota preocupante do PT e seus aliados. A mídia também supervalorizou o aumento dos preços, com alertas exagerados sobre o crescimento da inflação e explorou ao máximo as imagens de um Lula acidentado e decrepito etc. Continuou martelando o crescimento da dívida pública e a urgência de freios na gastança. As pesquisas de popularidade do governo passaram a ser apresentadas como prova do fracasso do Lula. A situação chegou ao ápice no início do ano com o projeto de “taxação do pix”. O fato é que Iniciamos o ano com a sensação de que o governo estava acuado e incapaz de reagir e a direita impondo a necessidade de um novo arcabouço fiscal como solução para o descalabro.

No sub-mundo a extrema direita continua ativa semeando ódio, implacável na guerra cultural e acentuando que o país está fora de controle e é governado por um presidente totalitário e enganador, com tendências comunistas e protegido pelo STF.

Reagindo ao cerco:

O governo Lula reagiu colocando o pé na estrada para defender suas realizações e anunciar investimentos públicos e privados, sobretudo nas regiões nordeste e sudeste. Operou mudanças



significativas em sua estratégia de comunicação. Pautou a agenda no Congresso Nacional com a finalização da reforma tributária, a isenção do imposto de renda para quem ganha até cinco mil reais e a taxação de contribuintes com altos rendimentos. Articulou a eleição de aliados na Câmara e Senado. Esvaziou a tentativa de anistia dos golpistas e não pautou a suposta necessidade de um novo arcabouço fiscal para disciplinar os investimentos públicos.

Na frente externa, Lula fez uma viagem de negócios apoteótica ao Japão e Vietnã. Cuidou de sua imagem pública, mostrando um presidente com vitalidade, saudável e recuperado do acidente. Mais recentemente, Lula demonstrou uma extraordinária habilidade no enfrentamento da guerra comercial do Trump, investindo em uma postura diplomática pautada pela negociação de vantagens, sem renunciar à retórica da soberania. Aprovou, em tempo recorde, um projeto de lei na Comissão de Assuntos Econômicos do Congresso que permite o Brasil elevar as tarifas de importação para fazer frente a guerra comercial.

Fraude no INSS:

Nos últimos dias, setores da extrema-direita tentaram atribuir ao governo Lula a responsabilidade pelas fraudes no INSS. O caso, que envolve desvios de benefícios previdenciários, tinha todos os ingredientes para causar um estrago significativo na imagem do governo, especialmente diante de uma população expressiva de aposentados e seus familiares. A oposição passou a defender a necessidade de uma CPMI para atrair holofotes e inflamar o debate público.

A crise se intensificou com a saída do ministro Carlos Lupi e a decisão do PDT de deixar a base governista, fatos que desgastaram momentaneamente a articulação política do Planalto. No entanto, as reações do governo — como a afirmação contundente do vice-presidente Geraldo Alckmin: “As fraudes no INSS não começaram neste governo, mas será este governo que acabará com elas”, a rápida troca no comando do INSS e o anúncio de medidas para ressarcir os aposentados conseguiram diminuir os danos. Todavia, esse “acontecimento” tende a continuar ocupando a mídia e causar estragos junto a uma população fragilizada e assediada pelos mecanismos de comunicação digital da extrema direita. A CUT defende uma urgente e rigorosa investigação e uma punição exemplar dos responsáveis. Temos que denunciar também que esses casos de corrupção vicejam quando se enfraquece o estado com a precarização e o desmonte das políticas públicas e dos controles sociais.

O episódio, ainda que turbulento, serviu para ofuscar temporariamente os avanços em outras frentes, como os importantes investimentos internacionais captados durante as viagens do presidente Lula. A estratégia de desviar o foco para escândalos pontuais tem como objetivo apagar os resultados econômicos positivos e evidencia a guerra de narrativas que marca o atual momento político.

Os meios de comunicação e a inserção da extrema direita nas redes sociais são as máquinas criadoras de narrativas sempre prontas para não permitir que o governo celebre suas realizações. Essas e outras iniciativas dos últimos meses e dias recolocaram o governo Lula em um jogo disputadíssimo, onde todos os lances são desenhados de forma meticulosa, sempre mirando o embate político eleitoral em 2026.



Brasil, Rússia e China

A convite pessoal do presidente Putin o governo brasileiro participou das comemorações dos 80 anos da Grande Guerra Patriótica. Em seus pronunciamentos o presidente Lula destacou a importância dos BRICs e saudou a emergência de um “mundo multipolar” (multilateralismo). Destacou também as boas relações econômicas com a Rússia. A participação do Brasil nestas comemorações foi uma oportunidade para estreitar relações com o Sul Global e colocar o Brasil em uma posição de destaque na construção de uma nova ordem internacional baseada no desenvolvimento e na soberania.

Da Rússia o presidente Lula partiu para China com uma comitiva de mais de 700 empresários, ministros e governadores. Inúmeras parcerias e negócios foram firmados. Em seus discursos Lula não cansa de enfatizar que o Brasil não pode se transformar em um “fazendão chinês”, mas que o país precisa aproveitar essa janela de oportunidades para modernizar o capitalismo brasileiro.

“O ideal do Brasil não é exportar soja, mas exportar inteligência, exportar conhecimento, pra isso não tem milagre, precisamos investir em educação como os chineses fizeram. (...). Nós temos que exportar o agronegócio e utilizar o dinheiro que entra no Brasil para investir em educação para ser competitivo com a China na produção de carro elétrico, na produção de bateria, na construção da inteligência artificial. Ninguém vai dar isso de graça para os brasileiros. Nós e que temos que buscar a confiança de parceiros, para que eles possam, confiando no Brasil, compartilhar conosco o que eles sabem fazer. É isso que estamos fazendo com a China. Discurso do Lula no encerramento do Fórum Empresarial Brasil-China”

A mídia comercial tratou essas duas agendas de estado com uma vergonhosa pobreza de espírito. Condenou a participação das comemorações da derrota do nazismo. Acusou o presidente Lula de estar sempre na companhia de totalitários. Já os acordos comerciais com os chineses foram desdenhados, mesmo sabendo que a China é um dos principais parceiros comerciais do Brasil, não existe agronegócio brasileiro sem China.

Os juros sobem, Galípolo atende aos interesses dos rentistas

A indicação de Gabriel Galípolo para o comando do Banco Central gerou expectativas de estabilização ou mesmo redução das taxas de juros. Tais esperanças foram frustradas. Para surpresa de muitos, Galípolo deu continuidade à política de altos juros, elevando ainda mais a Selic. Dados do próprio Banco Central revelam que as despesas com juros da dívida pública alcançaram a cifra de R\$ 75 bilhões. Em 2024 o pagamento de juros da dívida foi de R\$ 950 bi, um crescimento de 32% em relação ao que foi pago em 2023. Os efeitos para o desenvolvimento do país de juros tão elevados, um dos maiores do mundo, é altamente nocivo. O próprio presidente Lula suspendeu suas críticas ao comportamento do COPOM (Conselho de Política Monetária), órgão responsável pelas sucessivas altas na SELIC. Isso demonstra a força econômica e política que o sistema financeiro e os endinheirados que sobrevivem com a especulação possuem na nossa sociedade.

Gilmar Mendes escancara as portas para pejetização

Em abril o Ministro Gilmar Mendes suspendeu nacionalmente processos relacionados à “pejetização”. A decisão ocorre em meio a um embate histórico entre o STF e a Justiça do Trabalho, que frequentemente diverge sobre a interpretação desses contratos. A “pejetização” é a



prática de empresas contratarem seus funcionários como pessoa jurídica (PJ), buscando reduzir custos e driblar a legislação trabalhista. Dados apontam que o número de MEIs no Brasil saltou de 8,5 milhões em 2019 para 15,8 milhões em 2024. A pejetização e a terceirização irrestrita são resquícios de uma reforma trabalhista que golpeou de morte os direitos da classe trabalhadora. A luta pela revogação da reforma trabalhista continua mais atual que nunca.

Mais qualidade na educação

O decreto disciplinado a aplicação de EAD nas universidades é um passo importante para melhorar a qualidade de oferta de educação nas universidades. Os cursos de formação de professores da educação básica, ou seja as licenciaturas, não podem mais ser ofertados na modalidade a distância. Eles agora deverão seguir, no mínimo, o formato semipresencial, com metade da carga horária podendo ser ministrada a distância e a outra metade dividida em atividades presenciais (30%) e de forma online em tempo real (20%). Alguns cursos como medicina, enfermagem, psicologia, direito, odontologia e outros não podem ser mais ofertados em formato EAD.

Aumenta os empregos, a renda cresce e os trabalhadores estão descontentes

O empresariado brasileiro demonstra pouca tolerância quando o desemprego cede. Sabem que, com o mercado de trabalho aquecido, os trabalhadores tendem a reivindicar melhores salários e condições trabalho dignas. Quando há mais vagas disponíveis, os trabalhadores ganham poder de barganha. Para a cultura empresarial brasileira, isso é intolerável. Esse é o verdadeiro motivo por trás dos recentes ataques ao Programa Bolsa Família. Sob o pretexto de criticar o “descontrole” do programa, o empresariado esconde seu real objetivo: manter uma reserva de mão de obra disponível para conter a elevação de salários e a ampliação de direitos.

Discurso de Lula no Primeiro de Maio - Redução da Jornada e Isenção do IR

Em seu discurso no Dia do Trabalhador, o presidente reafirmou seu compromisso com a proposta de zerar o imposto de renda para quem ganha até cinco mil reais - “Quem ganha menos não paga; quem ganha muito paga o justo”. Além disso, comprometeu-se a iniciar o debate sobre a redução da jornada de trabalho. Essas duas bandeiras, consideradas estratégicas em nossos debates, devem ser fortalecidas, juntamente com outras como a redução dos juros e a defesa de serviços públicos de qualidade para todos os cidadãos e dos servidores.

CONJUNTURA ESTADUAL

E o Rio Grande do Sul?

O estado do Rio Grande do Sul pós-enchente demonstra sinais de recuperação econômica. No ano passado, o PIB cresceu 4,9%, superando o desempenho nacional. Esse avanço foi



impulsionado principalmente pelo setor agropecuário e de serviços, com uma contribuição mais modesta da indústria.

Em 2025, a tendência é de uma certa acomodação no ritmo de crescimento da economia. Nos três primeiros meses do ano, a indústria de transformação registrou um aumento de 3,6% em comparação ao mesmo período de 2024. As exportações tiveram alta de 10,9%, mantendo China, União Europeia e Estados Unidos como principais destinos. As vendas para a China cresceram 2,3%, enquanto as destinadas aos Estados Unidos avançaram 9,4%. Já no caso da União Europeia, houve queda de 12,1%. A Argentina, quarto maior mercado, apresentou crescimento expressivo de 59,4% no valor exportado, com destaque para veículos, máquinas, equipamentos, produtos químicos e calçados. O mercado de trabalho também registrou melhorias, com aumento tanto nos empregos formais quanto nos informais. O rendimento médio real mensal atingiu R\$ 3.698, valor 3,7% superior ao do trimestre anterior.

Esses indicadores econômicos positivos se refletiram no aumento da arrecadação estadual, impulsionado ainda por investimentos federais e pela renegociação da dívida em decorrência das enchentes.

Contudo, a reconstrução do estado avança a passos lentos. O governo Leite demonstra morosidade na aplicação dos recursos destinados à recuperação. As obras em andamento, além de serem questionadas quanto à eficácia diante de futuros eventos climáticos extremos, parecem seguir um cronograma deliberadamente lento, possivelmente visando aproveitamento eleitoral em 2026. O Fundo de Reconstrução do RS ainda não saiu do papel, limitando-se até agora a contratos milionários com consultorias que não cumprem suas promessas.

A crise habitacional permanece gravíssima: cerca de 100 mil residências foram destruídas pelas enchentes, afetando mais de 2,3 milhões de pessoas e desalojando mais de 570 mil. Muitas famílias seguem sem moradia definitiva, vivendo em casas de parentes, em aluguel social ou em abrigos provisórios.

Enquanto isso, o governo Leite mantém uma política de austeridade, insistindo em privatizações e desmontando o aparato estatal. As políticas públicas recebem investimentos mínimos e os servidores permanecem sem reajustes. Trata com descaso o Piso Regional protelando sem definições o reajuste apostando na sua extinção.

A educação pública enfrenta uma crise sem precedentes. Os indicadores de desempenho são alarmantes, com redução no número de professores, aumento de contratos temporários, fechamento de escolas, queda nas matrículas e infraestrutura escolar precária. Em Porto Alegre, governada por um prefeito alinhado ao bolsonarismo, a situação é especialmente crítica, com um dos piores índices de aprendizagem entre as grandes cidades do Brasil.

Na saúde, o descaso também é evidente. Uma audiência pública na Comissão de Saúde revelou que o governo estadual não cumpre o mínimo constitucional de 12% da receita aplicada no setor. Hospitais superlotados, falta de insumos e filas intermináveis por consultas e exames são a realidade. A situação só não se transformou em calamidade pública graças aos investimentos federais.

Ao flertar com o bolsonarismo, o governo Leite alimentou uma cultura autoritária no estado, que se reflete no aumento da violência contra as mulheres e nos casos de feminicídio.



AGRICULTURA FAMILIAR

CONJUNTURA DA AGRICULTURA FAMILIAR

No último período ocorreram grandes transformações no campo. O capitalismo agrário avançou fortemente sobre as relações de produção, organização e vivências na agricultura. Essa realidade aprofundou os desafios para a organização e representação do sindicalismo da Agricultura Familiar, em um contexto de êxodo rural, envelhecimento e dificuldades de sucessão rural, novas formas de exploração e expropriação do capital e emergência de novas subjetividades e demandas sócio organizativas nos espaços rurais.

A estruturação do capitalismo agrário também tem provocado mudanças significativas nas práticas produtivas na Agricultura Familiar. Um processo que provoca e impõe o avanço das monoculturas de commodities com seus pacotes tecnológicos de sementes, insumos, implementos, grandes investimentos e endividamentos, além da produção voltada à indústria de ultraprocessados. Trata-se de uma dominação ideológica dos territórios pela imposição do modelo e mais recentemente pela dominação cultural e apropriação física do território seja pela posse da terra ou pelo arrendamento. Esse mesmo modelo se apresenta sob uma nova «roupagem»: AGRO É TEC, AGRO É POP, agro é tudo, e agora – AGRO É REGENERATIVO, em uma nova fase de acumulação primitiva do capital.

Há um crescimento de atividades cada vez mais individualizadas nas unidades produtivas que aprofundam os desafios da sucessão familiar, estimulam práticas de arrendamento e ampliam a dependência dos agricultores familiares às grandes corporações, inclusive na produção orgânica. Pois, os pacotes tecnológicos ampliam de forma exponencial os custos de produção e, conseqüentemente, selecionam e excluem do sistema aqueles agricultores que não se encaixam na lógica perversa de domínio e coisificação.

O impacto se estende de forma exponencial às mulheres e aos jovens. As mulheres se deparam com inúmeras violências influenciadas pelo sistema patriarcal, braço do capitalismo, com a desvalorização do seu trabalho, falta de respeito e de espaço de decisões. Já os jovens, sofrem com os desafios da sucessão rural, da restrição ao lazer, as tecnologias, a educação, entre outros.

O encadeamento de processos climáticos, de modo especial os fenômenos enfrentados em nosso estado nos últimos anos, com períodos de longa estiagem e as tragédias das tempestades e enchentes, deixaram prejuízos gigantescos. Essa situação requer não só a proposição de novas opções na matriz produtiva, mas fundamentalmente um novo comportamento na interação com o meio ambiente e os modos de produzir. Sendo necessário repensar a lógica de produzir e de pensar as diferentes dimensões em nossos sistemas produtivos.

Outro tema que vem ganhando destaque é a inserção cada vez maior de agricultores familiares nas redes sociais. O crescimento, importante por um lado, infelizmente vem acompanhado do aumento da disseminação de Fake News, que potencializa o fascismo e a dominação cultural. Essas mentiras também prejudicam o sindicalismo, que é alvo constante de mentiras, utilizado pela extrema direita.



Cabe ainda destacar que a Agricultura Familiar segue sendo uma categoria de grande importância para o Estado e para o Brasil, tanto no desenvolvimento territorial sustentável, na produção de alimentos saudáveis e sustentáveis, garantindo a soberania e segurança alimentar e nutricional do Brasil, como na ocupação de inúmeros trabalhadores e trabalhadoras. O campo é, e deve ser, local de viver bem para os Agricultores Familiares, que fazem da produção de alimentos, mais que um negócio, um modo de vida.

Por fim, a FETRAF-RS está discutindo e implementando um novo Projeto Estratégico para a Agricultura Familiar, que caminha para a transição massiva para um novo modelo de produção mais sustentável, que promova a autonomia e a produção de alimentos e garanta a renda, bem como, promova a identidade da Agricultura Familiar, a qualidade na vida no campo e fortaleça as organizações da Agricultura Familiar. Já temos experiências sendo implementadas, através do acompanhamento e uso do Método Sistema de Plantio Direto de Hortaliça e outras culturas (SPDH+), que tem gerado bons resultados e esperança para a sobrevivência da Agricultura Familiar, com sustentabilidade e ampliação da produção de alimentos. Nesse processo, há necessidade de que a sociedade em geral também se some no debate, sobretudo do consumo de alimentos e das políticas públicas, que estão diretamente vinculadas a produção da Agricultura Familiar.

Diante deste contexto é fundamental que o estado brasileiro tenha a agricultura familiar como estratégia para a segurança e soberania alimentar e nutricional, criando e ampliando as políticas públicas de crédito, seguro agrícola, comercialização, habitação, assistência técnica e políticas de melhoria das condições de vida e de trabalho dos agricultores e agricultoras.

NOSSOS COMPROMISSOS

Debatemos a conjuntura e construímos leituras comuns da realidade para orientar as nossas políticas e colocar a classe trabalhadora como protagonista das mudanças. É com essa compreensão que concluímos esse documento apresentando as nossas lutas prioritárias traçadas no nosso planejamento, debatidas nos nossos encontros nas regionais da CUT e socializadas nos atos de Primeiro de Maio em várias localidades do nosso estado. São elas:

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO E FIM DA ESCALA 6X1

Mesmo diante dos extraordinários avanços tecnológicos e do aumento da produtividade, o trabalho não se torna mais leve nem a vida mais digna. Pelo contrário, mantém-se no Brasil uma jornada exaustiva e estressante com cobranças de metas abusivas. A classe trabalhadora precisa de mais tempo livre para viver e usufruir saudavelmente do tempo livre. Por isso lutamos pela redução da jornada de trabalho, pelo fim da escala de trabalho 6 por 1 e por melhorias salariais e condições de trabalho.



ISENÇÃO DO IMPOSTO DE RENDA PARA QUEM GANHA ATÉ 5 MIL

Enquanto uma minoria acumula riqueza por meio de isenções tributárias, especulação e subsídios, os trabalhadores e trabalhadoras pagam impostos toda vez que consome e todo mês com descontos em seus salários. Quem ganha até cinco mil não pode ser tratado como rico. É hora de aliviar o peso dos impostos sobre os ombros de quem sustenta o país com seu trabalho. Defendemos a aprovação imediata do Projeto de Lei proposto pelo governo Lula que amplia a faixa de isenção para até R\$ 5.000,00 que beneficiará 10 milhões de trabalhadores e trabalhadoras.

TAXAÇÃO DOS SUPER-RICOS

Os milionários seguem como nunca com lucros exorbitantes e pagando quase nenhum imposto. O Brasil está entre os países onde os super-ricos pagam os menores impostos do mundo. Quem tem mais, deve pagar mais. Taxar os milionários para combater as desigualdades e financiar políticas públicas, escola boa, o SUS, moradia e bons empregos.

REDUÇÃO DA TAXA DE JUROS

As altas taxas de juros impostas pelo Banco Central é o paraíso para os especuladores e rentistas. Juros elevados encarecem o crédito, desestimulam investimentos e empobrecem os trabalhadores e trabalhadoras. A redução dos juros é essencial para estimular o desenvolvimento do Brasil com melhores salários e empregos.

DEFESA DOS SERVIÇOS PÚBLICOS DE QUALIDADE E DOS DIREITOS DOS SERVIDORES E SERVIDORAS

Enfrentamos uma ofensiva contra os serviços públicos e a democracia. Privatizações, terceirizações, pejetizações, contratações precárias e ataque contra os direitos dos servidores e servidoras. Não há democracia sem serviços públicos de qualidade para população. Não há serviços públicos de qualidade sem servidores e servidoras concursados e valorizados.

SEM ANISTIA PARA OS GOLPISTAS

Uma sociedade igualitária, sustentável e livre de toda forma de violência, discriminação e preconceito só é possível em uma DEMOCRACIA. As nossas elites não suportam a democracia e insistem em manter o atraso econômico, político e social com golpismos. As lideranças da extrema direita, setores das forças armadas, de setores econômicos e parte da mídia comercial planejaram e incentivaram um golpe com previsão de prisões, assassinatos e ataques as instituições. Nenhuma anistia para os golpistas, especialmente os mentores e financiadores.

PELO FIM DO FEMINICÍDIO E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

A cada 17 horas, uma mulher é assassinada no Brasil por razões de gênero. O recente feriado da Páscoa no Rio Grande do Sul evidenciou a gravidade da situação: em apenas quatro dias, dez mulheres foram brutalmente assassinadas. Por isso, reafirmamos nossa luta contra o machismo, pela inclusão plena das mulheres em todos os espaços da vida social e pela efetiva aplicação da lei da igualdade salarial.

Direção Executiva da CUT/RS

20 de maio de 2025